



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

O ESTUDO DO MEIO COMO PRÁTICA DA INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Gracileide Ferreira do Nascimento

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

gracigeografa@yahoo.com.br

Juliana Chervinski

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

juchervinski@gmail.com

Resumo

Neste artigo faremos algumas considerações sobre a interdisciplinaridade no ensino da Geografia a partir da aula de campo como um recurso metodológico para se alcançar a aprendizagem. Justificamos a importância dessa temática na formação de professores de Geografia, uma vez surge a necessidade de socializar os conteúdos de Geografia contemplados ao longo da vida acadêmica do discente valorizando as categorias do Espaço Geográfico e as experiências vividas na sala de aula e fora dela. Em vista disso o nosso objetivo é estabelecer um diálogo entre a interdisciplinaridade a partir do estudo do meio no currículo do ensino superior de Geografia. Tivemos como resultado o envolvimento dos discentes na proposta e a partir da apresentação dos relatórios de campo foi exposto a satisfação dos discentes em vivenciar e relacionar a teoria e a prática expressados em seus depoimentos.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; estudo do meio; ensino de Geografia.

Introdução

Neste artigo faremos algumas considerações sobre a interdisciplinaridade no ensino da Geografia a partir da aula de campo como um recurso metodológico para se alcançar a aprendizagem. Justificamos a importância dessa temática na formação de professores de Geografia, uma vez que surge a necessidade de socializar os conteúdos de Geografia contemplados ao longo da vida acadêmica do discente valorizando as categorias do Espaço Geográfico e as experiências vividas na sala de aula e fora dela.

Desse modo, o nosso objetivo é estabelecer um diálogo entre a interdisciplinaridade com base no estudo do meio no currículo do ensino superior de Geografia. Assim como qualquer outra atividade que propõe promover a aprendizagem, o estudo do meio com base no trabalho de campo precisa ser previamente planejado dentro de uma proposta pedagógica viável, para que o mesmo possa ter êxito e alcance o resultado desejado. Portanto buscaremos responder ao seguinte questionamento: de que maneira a interdisciplinaridade pode ser vivenciada a partir do estudo do meio, influenciando na formação do professor de Geografia?

Acreditamos na escola como um meio de viabilizar a consciência cidadã, logo é interessante lembrar que a elaboração de novas atividades poderá influir na formação do jovem abrangendo não apenas o seu aprendizado científico, mas induzindo também na sua formação humana.

A nossa metodologia partirá de leituras sobre o tema em livros e artigos que versam sobre o tema, além dos parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena no Parecer CNE/CP 009/2001 e dos depoimentos dos alunos expressos nos relatórios da aula de campo. Diante disso propomos uma pesquisa de cunho qualitativo onde acontece uma relação entre a realidade e o indivíduo (CHIZZOTTI, 1991).

A interdisciplinaridade e a Geografia: alguns aspectos

A discussão sobre a interdisciplinaridade tem sido debatida sob o prisma pedagógico e epistemológico, ambos buscando a integração entre os saberes e contra a fragmentação do conhecimento, cada um a partir de seus conceitos e óticas que muitas das vezes se complementam. No presente artigo daremos, no entanto, ênfase a interdisciplinaridade na concepção pedagógica, na qual contempla questões sobre o currículo, o ensino e a aprendizagem, especificamente na Geografia.

Conforme Thiesen (2008) os estudos sobre Interdisciplinaridade e a formação de seu conceito, surge no Brasil na década de 60 através dos estudos primeiramente da obra de Gusdorf que influenciou o autor Hilton Japiassu, no âmbito da epistemologia e

logo após da obra de Piaget influenciando a autora Ivani Fazenda no âmbito da educação. Na Europa as discussões e o movimento a respeito da Interdisciplinaridade já haviam sido iniciados na mesma década primeiramente na Itália e na França (FAZENDA, 1994).

No Brasil a partir da inclusão da Interdisciplinaridade nos documentos oficiais do Ministério da Educação como, a Lei de Diretrizes e Bases - LDB Nº 9.394/96 e os Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino fundamental e médio fica evidente a importância da discussão e da sua aplicação, não somente no campo escolar, mas também acadêmico como é o caso das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena no Parecer CNE/CP 009/2001 que prever a interdisciplinaridade na organização curricular. Especificamente nos Parâmetros curriculares Nacionais para o ensino médio encontramos a seguinte afirmação,

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema concreto ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Em suma, a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para responder às questões e aos problemas sociais contemporâneos (BRASIL, 2000, p. 21).

Compreendemos frente à colocação posta nos PCN's, que o processo de ensino-aprendizagem ocorre no encadeamento das relações existentes entre as disciplinas, os conteúdos e a sua aplicabilidade na resolução de uma problemática. A socialização do conhecimento então é necessária na formação de professores para serem utilizados simultaneamente tanto na atuação docente, quanto na pesquisa.

Sabemos que a prática da interdisciplinaridade não é tarefa fácil ao professor, Fazenda (1994, p. 82), fortalece essa ideia quando trata das atitudes de um professor interdisciplinar,

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera ante os fatos consumados, atitude de reciprocidade que impele a troca, que impele o diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes, atitude de desafio – desafio perante o novo, desafio em

redimensionar o velho – atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e com as pessoas neles envolvidas, atitude, pois, de compromisso em construir sempre da melhor forma possível, atitude de responsabilidade, mas, sobre tudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida.

Em face do exposto, podemos inferir que a interdisciplinaridade deve ser convertida em atitudes, em ações e não calcada a algum tipo de conceito, os professores, a comunidade escolar, os pesquisadores, a comunidade acadêmica devem se unir por um único propósito, pela socialização dos saberes entre as áreas de conhecimentos.

Na mesma perspectiva pensamos que um projeto envolvendo professores, alunos e a comunidade acadêmica na formação de professores em Geografia que contemple conteúdos vistos ao longo da formação acadêmica, possa ser um passo rumo a uma prática educativa interdisciplinar e a aula de campo a partir do estudo do meio nos leva a essa concepção por consistir em um procedimento metodológico que compartilha diversos conhecimentos alicerçados em vivências e experiências ímpares, além de ativar a sensibilidade dos discentes para perceberem as diversas categorias do Espaço Geográfico (lugar, paisagem, região, território) e os inúmeros fenômenos, sendo eles físicos ou humanos que ali ocorrem.

A Geografia por si só é uma ciência interdisciplinar por estar presente tanto nas ciências humanas, nas ciências naturais quanto nas ciências exatas. No ensino de Geografia o professor deve evidenciar as nuances dessa ciência, características que vem desde a sua sistematização sendo fruto de discussões e embates entre autores.

Nesse sentido, é necessário que a formação do professor de Geografia seja completa, não se restringindo aos conhecimentos físicos ou humanos, nem tão pouco técnicos, mas a uma simbiose de saberes que deverão fazer parte do cotidiano desse profissional, além de serem necessários em vista das exigências e as transformações rápidas da sociedade contemporânea.

Assim a geografia enquanto ciência não pode manter-se isolada, pois no século XIX ampliam-se e rediscutem-se seus conceitos estendendo seu campo de atuação e

criando novas ciências tais como antropologia, geopedologia, geoeconomia entre outras que vieram a contribuir com o conhecimento e conteúdo geográfico.

O estudo do meio: uma proposta interdisciplinar no ensino da Geografia

As práticas pedagógicas aplicadas no âmbito escolar, bem como fora dele devem estimular o aprendizado do discente reunindo conhecimentos não só da disciplina de geográfica, como também de outras disciplinas como história, biologia, sociologia etc., assim propusemos o estudo do meio como uma maneira de integrar várias compreensões de um mesmo fenômeno. Podemos citar a leitura de uma paisagem, onde em virtude desse ato o discente deve associar fundamentos primordiais como formas de relevo, tipo de vegetação, tipo climático, ação antrópica, aspectos históricos, aspectos biogeográficos, aspectos econômicos, aspectos culturais entre outros. Nessa perspectiva Thiesen (2008) salienta que,

Na sala de aula, ou em qualquer outro ambiente de aprendizagem, são inúmeras as relações que intervêm no processo de construção e organização do conhecimento. As múltiplas relações entre professores, alunos e objetos de estudo constroem o contexto de trabalho dentro do qual as relações de sentido são construídas. Nesse complexo trabalho, o enfoque interdisciplinar aproxima o sujeito de sua realidade mais ampla, auxilia os aprendizes na compreensão das complexas redes conceituais, possibilita maior significado e sentido aos conteúdos da aprendizagem, permitindo uma formação mais consistente e responsável. (THIESEN 2008, p. 7).

Pensando nisso, como professora do componente curricular Geografia e Ensino II e Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia II juntamente com a professora Juliana Chervinski da disciplina também de Orientação e Estágio Supervisionado em Geografia II e o professor Elisângelo professor do componente curricular Introdução a Geomorfologia idealizamos um projeto interdisciplinar a partir do estudo do meio, com o propósito de integrar os citados componentes curriculares tendo em vista que a prática além de desenvolver no discente a criticidade e o espírito investigativo, associa conhecimentos tanto da dinâmica de ambientes naturais, quanto sociais *in lócus*.

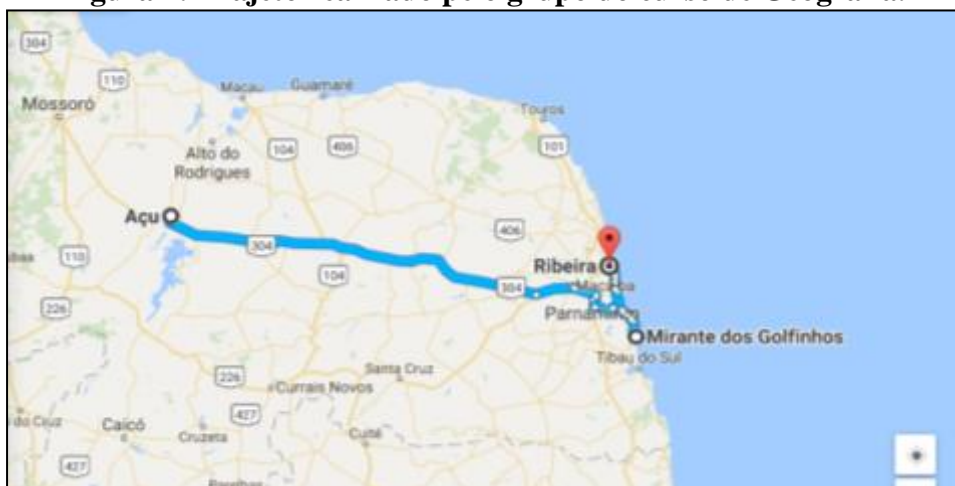
O estudo do meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar, portanto, a prática da construção curricular torna-se possível uma vez que os discentes, por consequência da própria vivência levantam hipóteses, identificam e formular

problemáticas além de realizar análises do Espaço Geográfico mediante suas categorias, interrelacionando, conforme já foi mencionado, diversos saberes concernentes a disciplinas distintas.

Seguimos as perspectivas de Lopes e Pontuschka (2009) quando elencam “[...] a realização dos Estudos do Meio como fator potencial da unidade escolar em construir seu próprio currículo” além de “[...] integrar os professores a uma dinâmica de valorização intelectual e política de seu trabalho”. Portanto, é mister a prática dessa estratégia metodológica no auxílio do desenvolvimento da autonomia e da emancipação dos agentes envolvidos nessa atividade, como os docentes e os discentes.

O estudo do meio foi realizado a partir de uma aula de campo ocorrida no dia 09 de setembro de 2016 com saída do Campus Avançado Walter de Sá Leitão – CAWSL em Assu/RN com duas turmas de graduação em Geografia, sendo respectivamente o 2º e o 6º período em licenciatura (figura 1). Foram duas visitas técnicas, a primeira com destino ao Mirante dos Golfinhos localizado na praia de Tabatinga no município de Nísia Floresta/RN, a segunda visita técnica foi ao estuário Potengi/Jundiaí localizado em Natal/RN por meio do Projeto Barco Escola.

Figura 1: Trajeto realizado pelo grupo do curso de Geografia.



Fonte: Google maps (<https://www.google.com.br/maps>), 2016.

No Mirante dos Golfinhos (figuras 2 e 3), foi abordado pelos professores aspectos físicos e humanos a respeito da formação e da transformação das falésias, ou seja, abordagem sobre os agentes endógenos e exógenos, além de aspectos da formação

vegetal, climáticos, geomorfológicos, pedológicos, do adensamento populacional e turísticos.

Figura 2: Vista parcial das falésias



Fonte: Gracileide Ferreira do Nascimento, 2016.

Foi possível fazer uma relação entre a sociedade e a natureza e aplicar os conhecimentos adquiridos pelas disciplinas já estudadas pelos discentes. Nessa concepção o discente é formado para tornar-se um profissional que adquira conhecimentos sobre a Geografia e também sobre outras disciplinas, a respeito de outros assuntos necessários à formação profissional e para a vida, ou seja, de uma forma transdisciplinar. Nessa compreensão, Santos (2008) nos aponta,

Esse novo olhar da transdisciplinaridade traz ainda um desafio maior: o de transitar pela diversidade dos conhecimentos (biologia, antropologia, física, química, matemática, filosofia, economia, sociologia). Isso requer espírito livre de preconceitos e de fronteiras epistemológicas rígidas. (SANTOS, 2008, p. 6).

Pensamos que a socialização e a integração dos conhecimentos entre vários profissionais enriquecem o currículo acadêmico e a formação do professor, ademais a ótica e a percepção de um fenômeno sob diversas perspectivas favorece a ampliação de um projeto interdisciplinar “[...] como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, cabe pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde se formam professores” (FAZENDA, 2008, p. 17).

Figura 3: Vista parcial das falésias e vegetação



Fonte: Gracileide Ferreira do Nascimento, 2016.

A segunda visita técnica conforme já foi informado ocorreu no estuário Potengi/Jundiaí a partir do Projeto Barco escola chama maré: projeto de educação ambiental nas águas do rio Potengi (figuras 4 e 5). O projeto é voltado para ações de educação ambiental relacionados ao ambiente estuarino e a paisagem urbana de Natal, além de abordar aspectos histórico-culturais, ecológicos, econômicos e sociais.

Por sua vez, para revelar-se, a complexidade dos fenômenos exige do observador uma postura trans-disciplinar. Ou seja, para ser conhecido em toda a sua dimensão conectiva, o objeto exige conhecimentos e observadores transdisciplinares. (SANTOS, 2008, p. 5).

Além de abordar questões ambientais como a devastação do mangue pelo homem e a importância da preservação desse ecossistema, tomamos conhecimento que duas Zonas de Proteção Ambiental são delimitadas naquelas imediações, a ZPA 7 Zona de Proteção Ambiental do Forte dos Reis Magos e entorno e a ZPA 8, também denominada Zona de Proteção Ambiental Ecossistema Manguezal e Estuário Potengi/Jundiaí, sendo a maior ZPA de Natal, a poluição do estuário pelos dejetos e efluentes domésticos e industriais, dando ênfase a indústria pesqueira, também é tema das explicações fornecidas pelos monitores do projeto, lembrados muito bem pelo discentes que participaram e apresentaram posteriormente suas impressões sobre a prática.

Figura 4: vista parcial de Natal/RN



Fonte: Gracileide Ferreira do Nascimento, 2016.

Sobre os aspectos humanos vários temas são colocados em baila, como aspectos históricos a cerca da fundação de Natal e do significado do rio pela população da época, a importância de Natal como ponto estratégico na segunda guerra mundial, a exemplo foi identificada a Base Naval do 3º Distrito da Marinha do Brasil, a população ribeirinha que convive as margens do rio mesmo em condições insalubres, a religiosidade também está presente diante das igrejas mais antigas que dá para serem visualizadas durante o trajeto e a lenda de Nossa Senhora do Rosário, santa que foi encontrada nas águas do Rio Potengi e hoje é a santa padroeira de Natal. A economia se faz presente com a importação e exportação de produtos através do porto, bem como, a construção do Terminal marítimo de passageiros do porto de Natal para receber principalmente embarcações de cruzeiro, o que fomenta o turismo e a economia northeriograndense.

Figura 5: vista parcial do rio Potengi.



Fonte: Gracileide Ferreira do Nascimento, 2016

A riqueza de informações e conhecimentos que foram adquiridos pelos discentes a partir do estudo do meio é imprescindível para a sua formação acadêmica, indo além, para a sua formação como seres humanos que precisam se conscientizar quanto a sua participação ativa enquanto cidadãos na sociedade. Sobretudo a aplicação do conceito de interdisciplinaridade foi contemplado no currículo de uma maneira prazerosa e dinâmica, portanto esteve presente saberes de diversos componentes curriculares tais como Geografia do Turismo, Geografia Urbana, Geografia econômica, Geografia Cultural, Geografia da População, Geomorfologia, Climatologia, Biogeografia, Pedologia entre outras, identificadas nos depoimentos dos alunos

A aula de campo permite que os alunos construam conceitos e conhecimentos a partir da experiência vivida com o movimento dos objetos geográficos, pois no campo, segundo Silva et al. (2010, p.192):

O aluno trabalha o entendimento científico, uma construção do conhecimento “verdadeiro”. A análise do mundo não fica no senso comum, aos poucos o professor trabalha cada etapa até que esse vínculo que o aluno tem com o “achismo”, seja rompido definitivamente, e o aluno esteja preparado para assumir-se como observador do objeto e transformador de sua realidade.

“O trabalho de campo se constitui em um estudo indispensável com relação ao processo de caráter espacial, revelando detalhes do cotidiano da comunidade que muitas vezes passam despercebidos dos alunos e professores” (FONSECA e NASCIMENTO, 2016, p.5), por isso se faz necessário ir além dos muros da universidade em espaços onde

o discente muitas vezes só havia ouvido falar, mas não havia vivenciado, sentido, ouvido elementos de uma determinada paisagem, região ou determinado território ou lugar.

Considerações finais

Como resultado das considerações sobre interdisciplinaridade, Geografia e o estudo do meio, verificamos que é necessário um diálogo constante entre os profissionais e seus diversos saberes na formação dos profissionais que exercerão a licenciatura. Na Geografia especificamente, o conhecimento sobre aspectos naturais e sociais é necessário tanto no âmbito da pesquisa, quanto no âmbito da licenciatura, portanto um projeto que abarque um leque cada vez mais vasto de informações contribuirá de forma significativa na formação profissional e cidadã do indivíduo.

O estudo do meio a partir da aula de campo é uma estratégia metodológica aplicada por nós a fim de socializarmos conhecimentos entre os componentes curriculares envolvidos, seus respectivos docentes e discentes, além de envolver conteúdos de outros componentes curriculares já estudados pelos discentes.

Tivemos como resultado o envolvimento dos discentes na proposta, haja vista as apresentações dos relatórios de campo expostos e a satisfação dos discentes em vivenciar e relacionar a teoria e a prática expressados em seus depoimentos, tal qual, “todos os pontos que foram observados houve uma troca de conhecimentos e experiências para entendemos as suas múltiplas dinâmicas atuações e relações que ocorrem entre o homem e o meio [...]” (NOGUEIRA; GONZAGA; SANTOS, 2006).

Pensamos que o desafio da formação de professores de Geografia perpassa pelo currículo, metodologias de ensino e formas de ensino para se alcançar a aprendizagem. É necessário que durante a prática profissional nos encontramos com novos conceitos que irão desafiar nossa docência e trazer a modernidade para a sala de aula, o que não é um processo simples, mas a interdisciplinaridade pode colaborar com todo esse decurso.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho nacional de educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CNE/CP 009/2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FAZENDA, Ivani (Org.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo : Cortez, 2008.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1994.

FONSECA, Alexandre Vitor de Lima; NASCIMENTO, Gracileide Ferreira do Nascimento. **O Estudo do Meio: Estratégia de Ensino nas aulas de Geografia Urbana**. Anais do XVIII Encontro Nacional dos Geógrafos, 2016.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

NOGUEIRA, Wilma Gomes Coelho; GONZAGA, Antônio Elielson Tavares; SANTOS, Edvan Martins dos. **Depoimentos expressos no relatório da aula de campo**. Proposta da disciplina de Geografia e ensino II e Estágio Supervisionado em Geografia II do curso de Geografia do Campus Avançado Walter de Sá Leitão Assu/RN, 2016.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido**. *Rev. Bras. Educ.*, Abr 2008, vol.13, no.37, p.71-83. ISSN 1413-2478

SILVA, Juliana Santana Ribeiro da; SILVA, Mírian Belarmindo da; VAREJÃO, José Leonídio. **Os (des) caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na geografia**. VÉRTICES, Campos dos Goytacazes/RJ, v. 12, n. 3, p. 187-197, set./dez. 2010.

THIESEN, Juares da Silva. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem**. *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 39 set./dez. 2008